

O quantificador *todos* no português brasileiro: ordem e padrões de concordância

(The quantifier *todos*(all) in Brazilian Portuguese: word order and inflectional patterns)

Adeilson Pinheiro Sedrins¹

¹Unidade Acadêmica de Serra Talhada – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAST/UFRPE)

sedrins@gmail.com

Abstract: This paper presents a study on the morphosyntactic behavior of the universal quantifier *todos* in Brazilian Portuguese, more specifically, it is about the agreement pattern presented by this quantifier in relation to pre and post nominal order in which it is performed. It is assumed that the order in which the quantifier is found after the DP, is not a product of movement, but the result of quantifier adjunction to the DP projection, which is similar to the adjunction of adjectives in nominal phrases. We argue that the orders [Q DP] and [DP Q] are realizations of different syntactic constituents. The first realization is a QP that selects DP, and the second one is a DP that presents a quantifier phrase.

Keywords: universal quantifier; pre and post nominal order; agreement.

Resumo: Este artigo é um estudo sobre o comportamento morfossintático do quantificador universal *todos* no português brasileiro, mais especificamente sobre o padrão de concordância apresentado por esse quantificador em relação à ordem pré e pós-nominal em que é realizado. Argumenta-se que a ordem em que o quantificador se encontra posposto ao DP não é produto de movimento, mas sim resultado da adjunção do quantificador à projeção do DP, semelhante à adjunção de adjetivos à construção nominal. Similarmente ao que Benmamoun (1999) propôs para o árabe, argumenta-se ainda que as ordens [Q DP] e [DP Q] são realizações de constituintes sintáticos distintos. O primeiro é um QP que seleciona DP, enquanto que o segundo é um DP que contém um sintagma de quantificador.

Palavras-chave: quantificador universal; ordem pré e pós-nominal; concordância.

Introdução

No português brasileiro (doravante PB), o quantificador *todos* apresenta uma peculiaridade em relação a uma língua como o inglês, por exemplo, no que diz respeito à posição em que pode ser realizado dentro do sintagma nominal. A assimetria observada entre (1) e (2) mostra que, diferentemente do inglês, esse quantificador pode aparecer tanto à direita quanto à esquerda do núcleo nominal no PB, e que aparentemente a interpretação semântica de totalidade é mantida em ambos os casos:

- (1) PB
 - a. A Maria odeia *todos* os estudantes. (A Maria odeia 100% dos estudantes)
 - b. A Maria odeia os estudantes *todos*. (A Maria odeia 100% dos estudantes)

- (2) Inglês
 - a. Mary hates all the students.
 - b. *Mary hates the students all.

(cf. BOŠKOVIĆ, 2004, p. 682, ex. (3c))

O contraste entre o PB e o inglês, verificado acima, sugere que naquela língua a realização do quantificador em posição pós-nominal é mais livre do que nesta. A fim de explicar dados como os em (1), Kato e Nascimento (1993) e Vicente (2006) propuseram que no PB a ordem N(ome)-Q(uantificador) é resultado de operações de movimento, sendo a ordem Q-N a que reflete as posições em que esses constituintes são gerados. Essa proposta difere da de Bošković (2004) para as construções com o quantificador *all* (todo(s)/toda(s)) no inglês. De acordo com a proposta desse autor, no inglês, o quantificador *all* é adjungido ao sintagma nominal, após o movimento desse sintagma para uma posição não-argumental, sendo a adjunção do quantificador proibida quando o DP está numa posição argumental. Isso explica por que (2b) é uma construção agramatical no inglês. Nesse exemplo, o DP *the students* (os estudantes) está na posição argumental de objeto do verbo, posição na qual a adjunção de *all* não seria permitida.

Partindo dessas considerações e lançando mão do modelo teórico de Princípios & Parâmetros, na sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), procuramos mostrar neste artigo evidências que favorecem uma análise alternativa para o comportamento sintático de *todos* no PB, argumentando que, contrariamente às análises correntes que têm sido assumidas para essa língua, a ordem em que o quantificador se encontra posposto ao DP não é produto de movimento, mas sim resultado da adjunção do quantificador à projeção do DP, semelhante à adjunção de adjetivos à construção nominal. Similarmente ao que Benmamoun (1999) propôs para o árabe, iremos argumentar que as ordens [Q DP] e [DP Q] são realizações de constituintes sintáticos distintos. O primeiro é um QP que seleciona DP, enquanto que o segundo é um DP que contém um sintagma de quantificador. Essa proposta tem pelo menos uma vantagem em termos teóricos que é a de excluir um movimento tão curto do DP, como propõem as análises de Kato e Nascimento (1993) e Vicente (2006), por exemplo, evitando, assim, problemas relacionados à minimalidade. Em termos empíricos, essa proposta permite capturar o papel semelhante ao de adjetivo que o quantificador parece desempenhar na posição [DP Q], conforme observado, de forma independente, primeiramente em Galves (2001).

Na seção seguinte, situamos, em linhas gerais, o que tem sido proposto na perspectiva gerativista para dar conta da questão de como os quantificadores são licenciados, focalizando a proposta de Benmamoun (1999) para as construções com quantificadores no árabe, a fim de, a partir dessa proposta, na seção 3, mostrar como uma análise de adjunção de Q na ordem [DP Q] se mostra mais adequada em termos teóricos e empíricos para o caso do PB, do que a proposta de movimento do DP para [Spec, QP]; na seção 4, finalmente, apresentamos as conclusões.

Como quantificadores são projetados?

Como bem observou Bošković (2004), há, pelo menos, duas perspectivas para se capturar o fenômeno da flutuação de quantificador: (i) a análise de encahamento (SPORTICHE, 1988), na qual o quantificador e o nominal que ele modifica são gerados como um constituinte, ficando Q encahado após o movimento do nominal; e (ii) a análise em que Q é tratado como um advérbio (KAYNE, 1975; BOBALJIK, 2003; entre outros).

Para nossa análise, iremos descartar a perspectiva que trata os quantificadores como elementos adverbiais, baseados em dois pontos: (i) o quantificador *todos* no PB,

diferente de típicos advérbios, apresenta concordância com o nome o qual modifica; (ii) diferente de línguas que permitem nomes com modificadores adverbiais (grego, por exemplo, cf. ALEXIADOU, 2001), o PB não apresenta tal possibilidade. Assim, a perspectiva (i), da análise de encaimento para o quantificador, será a assumida aqui.

Pelo viés da análise de encaimento, duas possibilidades são geralmente discutidas para a derivação de uma construção contendo um DP e um quantificador: (i) Q é um adjunto de NP (ou DP) ou (ii) Q seleciona DP como seu complemento. Para as abordagens em que Q é assumido como um adjunto, a ordem [DP Q] se deve ao movimento do DP para uma posição mais alta na sentença.¹ Para a abordagem de seleção, a ordem [DP Q] resulta do movimento do DP para a posição [Spec, QP], como é o caso do que propõem as análises de Kato e Nascimento (1993) e Vicente (2006), já referidas anteriormente.

O movimento do DP para [Spec, QP], nas análises que o assume, é seguido pela assunção de que Q seleciona DP como seu complemento (cf. SHLONSKY, 1991; KATO; NASCIMENTO, 1993; CERQUEIRA, 1996; VICENTE, 2006). Shlonsky (1991) é uma das análises mais representativas dessa proposta de movimento. A principal evidência na sua análise para o movimento do DP no hebraico é que a ordem [DP Q], nessa língua, resulta em concordância morfológicamente visível entre esses dois constituintes.² De acordo com o autor, tal concordância, que apenas aparece na ordem [DP Q], se dá devido a uma relação [*Spec-head*] estabelecida entre DP e Q, de forma similar ao padrão de concordância verificado entre o sujeito e *Infl* no nível da sentença. Em outras palavras, a concordância visível apresentada na ordem [DP_Q] é um reflexo da configuração [*Spec-head*].

Em relação às propostas para o PB, para a ordem do quantificador *todos*, a única perspectiva explorada, tanto quanto é de nosso conhecimento, é a proposta na qual a ordem [DP Q] se deve ao movimento do DP para a posição [Spec, QP], como configura nos trabalhos de Kato e Nascimento (1993), Cerqueira (1996) e Vicente (2006). Todas essas análises para o PB são baseadas no fato de que DP+Q se comporta como um único constituinte, diferente do inglês, por exemplo, como mostram alguns testes:³

- (3) Contexto de pergunta-resposta (sujeito)
A: Quem odeia a Maria?
Who does hate Mary?
B: (Todas) as mulheres (todas)
(All) the women (*all)

¹ Bošković (2004) assume a análise de adjunto para Q e no quadro teórico lá apresentado, a flutuação do quantificador numa estrutura como (i) *Mary hates them all* ('Mary odeia eles todos') se deve ao movimento do pronome na estrutura, encaimando o quantificador numa posição mais abaixo. O autor argumenta que de fato a sequência *them all* em (i) não é um constituinte. Uma evidência empírica para isso é dada em contexto de coordenadas: **Mary likes you and/but not them all* ('Mary gosta de você e/mas não deles todos') (cf. BOŠKOVIĆ, 2004, nota (26), p. 706).

² Apenas na ordem [NP Q], em hebraico, Q é realizado com um clítico que apresenta marca para gênero e número que concorda com as marcas de gênero/número do NP. O mesmo padrão é encontrado em línguas como o árabe (cf. BENMAMOUN, 1999). Referimo-nos a NP, conservando a nomenclatura apresentada pelo autor.

³ Como mostra Vicente (2006), em seus exemplos aqui retomados em (3)-(7), o inglês e o PB apresentam um comportamento diferente em relação à estrutura do DP com quantificador. O que os contrastes entre essas duas línguas apresentam é que, em PB, mas não no inglês, a ordem DP+Q se comporta como um único constituinte.

- (4) Pergunta-resposta (objeto)
 A: Quem a Maria odeia?
 Who does Mary hate?
 B: (Todos) os alunos (todos)
 (All) the students (*all)
- (5) Coordenadas (posição de sujeito)
 (Todos) os alunos (todos) e a Maria foram ao cinema
 (All) the students (*all) and Mary went to the movies
- (6) Coordenação (posição de objeto)
 Ontem nós vimos (todos) os alunos (todos) e a Maria no cinema.
 Yesterday we saw (all) the students (*all) and Mary in the movies.
- (7) Deslocamento à esquerda
 (Todos) os alunos (todos), eu vi.
 (??All) the students (*all), I saw.

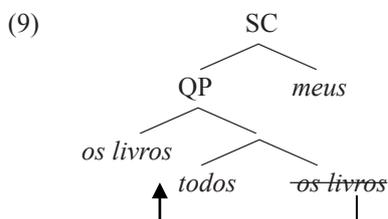
(VICENTE, 2006, p. 85, ex. (20)-(22))

Cerqueira (1996) é um exemplo de análise que assume o movimento do DP para [Spec, QP]. Em sua análise, o autor parte da problemática da ordem de constituintes como em (8c), a fim de delinear sua proposta de configuração de *small clause* para as construções com pronomes possessivos, como as que seguem:

- (8) a. todos os meus livros
 b. os meus livros todos
 c. os livros todos meus

(CERQUEIRA, 1996, p. 45, ex. (11))

De acordo com Cerqueira (1996), para dar conta de uma construção como (8c), com *todos* entre o nome e o possessivo, uma proposta de que o quantificador universal *todos* seja gerado em [Spec, NP] ou que selecione NP não é plausível, devido ao fato de que tal quantificador em PB seleciona um DP, nunca ocorrendo entre um determinante e um nome. Por outro lado, propor que o pronome possessivo e o DP possuído (*livros*, no caso de (8)) sejam gerados em estruturas de *small clause*, permite que o movimento do DP possuído ocorra para [Spec, QP] obtendo-se a ordem em (8c), como ilustra (9):



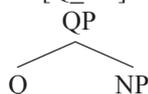
Essa proposta de movimento do DP para [Spec, QP] é teoricamente problemática, já que invoca uma questão de minimalidade, isto é, se o movimento de constituintes é forçado para checagem de traços (assumindo Chomsky (1998) e trabalhos subsequentes), por que é que Q não pode checar seus traços com o NP numa configuração de irmandade, tornando obrigatório o movimento do NP da posição de complemento para a posição de Spec da mesma categoria?⁴

⁴ Ver Abels (2003) e Grohmann (2000 e 2003) para restrições sobre movimentos curtos.

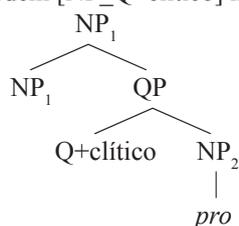
Dito isso, nossa proposta é a de que, contrariamente às correntes análises oferecidas para a ordem [DP Q] no PB, não há movimento do DP para a posição [Spec, QP], mas sim adjunção do quantificador à construção nominal. Note-se que a assunção de que o quantificador está adjungido ao DP mantém a noção de “constituente único” verificada em construções como (3)-(7) no PB. As evidências empíricas que iremos discutir em favor de tal proposta provêm de um diferente padrão de concordância entre a ordem [Q DP] e [DP Q], já apresentado em Scherre (1988) e Vicente (2006), bem como de diferenças de interpretação entre as duas ordens. Essa proposta se baseia principalmente no trabalho de Benmamoun (1999).

Em seu estudo sobre o comportamento sintático de quantificadores no árabe, Benmamoun propõe que as ordens [Q_NP]⁵ e [NP_Q] representam sintagmas distintos envolvendo diferentes relações sintáticas. No primeiro caso, (Q_NP), o autor assume que Q é o núcleo da projeção QP que contém o NP, mas, no segundo caso, (NP_Q), contrariamente a Shlonsky (1991), Q é uma instância de adjunto do NP. Ambas as estruturas são ilustradas a seguir:⁶

(10) a. ordem [Q_NP] no árabe



b. ordem [NP_Q+clítico] no árabe



Para corroborar a existência das diferentes estruturas em (10), Benmamoun primeiramente argumenta contra a ideia de Shlonsky de que a concordância entre o complexo Q+clítico e o NP na ordem [NP_Q+clítico], em línguas como o árabe, é obtida exclusivamente em configurações *Spec-head*. Para isso, o autor mostra casos em que a concordância entre clítico e quantificador é morfologicamente visível em claros contextos de relações não *Spec-head*, como nos casos em que clítico e NP estão coindexados, mas separados por ilhas^{7,8}(cf. (11)).

⁵ Benmamoun se refere a NP porque, de fato, Q parece ser realizado abaixo do nível em que D é realizado (com movimento posterior de Q para D), como o autor assume em sua análise. Assim, Q c-comanda NP, não DP. Esse não parece ser o caso do PB, porque esta língua claramente realiza o quantificador *todos* acima do núcleo D, como em [todas [_{DP} as meninas]] e não como em *[[_{DP} as] [_{QP} todas [_{NP} meninas]]]. Estamos assumindo aqui, juntamente com outras análises (KATO; NASCIMENTO, 1993; CERQUEIRA, 1996 e VICENTE, 2006), que, no PB, na ordem [Q_DP], Q seleciona DP, não NP.

⁶ (10b) ilustra o caso em que Q+clítico é realizado e o NP o precede, ou quando um pronome nulo é realizado dentro do QP com o qual Q concorda.

⁷ É imperativo notar que Benmamoun centra sua análise no árabe, língua que se comporta de forma similar ao hebraico em relação ao fenômeno do quantificador (ver nota 6, sobre o caso do hebraico).

⁸ Os traços de concordância observados no complexo Q+clítico, nesse caso, são checados com um pronome nulo *pro* dentro da ilha (ver (10b)). Assim, o NP na sentença matriz está relacionado ao QP dentro da ilha via estratégia de pronome resumptivo (ver BENMAMOUN, 1999 e AOUN; BENMAMOUN, 1998, para maiores detalhes).

- (11) a. hadu lə-wlad_i lli mš-at [island qbəl
 these the-children that leave.PAST-3FS before
 ma-y-ži-w kull-hum_i]
 NEG-3-come-P all-them
 ‘These are the children that she left before meeting them all.’
 ‘Essas são as crianças que ela saiu antes de encontrá-las todas’

O principal argumento de Benmamoun em favor de uma estrutura de adjunto em vez de uma relação de *Spec-head*, para a ordem [NP_Q], no árabe, está relacionado a questões de Caso e de concordância nessa língua. O autor mostra que, no árabe, o Caso na ordem [Q_NP] é invariavelmente o Caso genitivo (cf. (12)), enquanto que o Caso na ordem [NP_Q] varia de acordo com o núcleo que rege a projeção contendo o NP (cf. (13)).

- (12) Morfologia de Caso na ordem [Q_NP] (árabe)

- a. kull-u t.-t.ullaab-i žaa?-uu
 all-NOM the-students-GEN come.PAST-3MP
 ‘All the students came.’
 ‘Todos os estudantes vieram’
- b. ra?ay-tu kull-a t.-t.ullaab-i
 see.PAST-1S all-ACC the-students-GEN
 ‘I saw all the students.’
 ‘Eu vi todos os estudantes’
- c. kitaab-u kull-i t.-t.ullaab-i
 book-NOM all-GEN the-students-GEN
 ‘the book of all the students’
 ‘o livro de todos os estudantes’
- d. maġa kull-i t.-t.ullaab-i
 with all-GEN the-students-GEN
 ‘with all the students’
 ‘com todos os estudantes’

(BENMAMOUN, 1999, p. 623, ex. (4))

- (13) Morfologia de Caso na ordem [NP_Q] (árabe)

- a. t.-t.ullaab-u kull-u-hum žaa?-uu
 the-students-NOM all-NOM-them come.PAST-3MP
 ‘All the students came.’
- b. ra?ay-tu t.-t.ullaab-a kull-a-hum
 see.PAST-1S the-students-ACC all-ACC-them
 ‘I saw all the students.’
- c. kitaab-u t.-t.ullaab-i kull-i-him
 book-NOM the-students-GEN all-GEN-them
 ‘the book of all the students’

(BENMAMOUN, 1999, p. 631, ex. (25))

O diferente padrão morfológico de Caso verificado entre as ordens [Q_NP] e [NP_Q], no árabe, favorece a ideia de que na ordem [NP_Q] o nome é o núcleo da projeção contendo Q (um adjunto) e, como núcleo, N porta o Caso atribuído a toda projeção [NP_Q].

O segundo argumento, apresentado em Benmamoun (1999), em favor de sua proposta para N como o núcleo da projeção [NP_Q] é a concordância que o NP apresenta com a

categoria que rege a projeção [NP_Q]: quando o NP é realizado em forma de pronome, um fenômeno de duplicação se dá entre o núcleo que rege o sintagma [NP_Q] e o NP: o regente (no caso, um verbo) deve apresentar um clítico que concorda com a forma pronominal.

- (14) a. tlaqa-*(hum) kull-hum
meet.PAST.3MS-them all-them
'He met them all.'
'Ele os encontrou todos'
- b. ktub-*(hum) kull-hum
books-them all-them
'the books of all of them'
'os livros de todos eles'
- c. m_ça-*(hum) kull-hum
with-them all-them
'with them all'
'com eles todos'

(BENMAMOUN, 1999, p. 632, ex. (27))

Propondo que na ordem [NP_Q] Q está adjungido à construção nominal, Benmamoun sugere que a concordância visível apresentada pelo quantificador nesse contexto é produto da sua concordância com um pronome nulo dentro da projeção QP (ver (10b) e nota 11), coindexado ao NP. Em outras palavras, a concordância visível manifestada em Q não é uma concordância direta entre Q e o NP que ele modifica, mas entre Q e um pronome nulo dentro da projeção QP. Partindo dessa proposta, apresentamos na seção a seguir uma análise similar para a ordem [DP_Q] no PB.

Adjungindo Q

No PB, as propriedades de concordância e de Caso que proveem evidências para a ideia de adjunção do quantificador no árabe não são manifestadas morfológicamente, mas um fato interessante relacionado à concordância parece mostrar que uma análise de adjunção do quantificador pode ser estendida para o caso do PB. Observemos primeiro que, em (15), o aparente quantificador flutuante dentro da ilha está relacionado ao DP da sentença matriz, concordando em relação a gênero e número:

- (15) a. Vou salvar *os capítulos* [antes que *todos* sejam apagados].
b. Dei chocolate para *as meninas* [depois que *todas* fizeram o dever de casa].

Em casos como os de (15), não podemos assumir que o DP da sentença matriz tenha sido gerado dentro da ilha sendo alçado em seguida. Isso decorre da condição bastante conhecida sobre extração de constituintes a partir de ilhas de adjunto (ROSS, 1967), a qual também é operante no PB. Essa língua não permite extração de constituintes a partir desse tipo de ilha, como mostra (16):

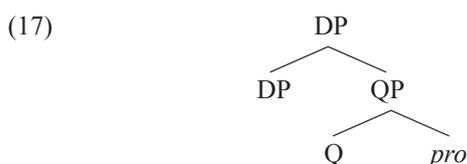
- (16) a. **Que livro* a Maria limpou a casa depois que o João leu *que livro*?

Se o DP na matriz, nos casos de (15), não é gerado na projeção em que se encontra o quantificador (na sentença encaixada), de que forma se dá a concordância entre Q, na sentença encaixada, e o DP, na sentença matriz? A melhor opção para dar conta da

concordância nos casos de (15) parece ser assumir a análise de Benmamoun para o árabe: existe um pronome nulo gerado com Q dentro da sentença encaixada e a concordância visível que Q apresenta no PB, em casos como os apresentados em (15), é um reflexo da concordância entre Q e *pro*.

A correspondência de concordância entre o DP na oração matriz e o Q na sentença adjunto pode ser dada pela estratégia de pronome resumptivo (segundo BENMAMOUN (1999) e AOUN e BENMAMOUN (1998)). Assim, podemos pensar que, em (15), os quantificadores estão concordando com um pronome nulo, o qual, por sua vez, toma como antecedente o DP foneticamente realizado na sentença matriz.

Voltando agora diretamente para o caso em que a ordem [DP_Q] se dá, vamos assumir, seguindo a análise de Benmamoun para o árabe, que, em tal ordem, Q está adjungido ao DP no PB. Nesse caso, Q não seleciona DP. Vamos assumir também que, como no árabe, o quantificador, nessa ordem, seleciona um *pro*, permitindo-nos uma homogeneidade em termos de subcategorização para Q (mantemos a noção de transitividade para Q que seleciona um constituinte nominal, DP ou *pro*, por exemplo). A estrutura da ordem [DP Q] é, então, dada em (17):



Assumindo uma análise para o quantificador como a desenvolvida em Benmamoun, podemos prever que, na ordem [DP_Q], exista a possibilidade de uma concordância parcial de Q com o DP. Referimo-nos a essa concordância parcial como uma possibilidade de Q concordar com o pronome nulo *pro*, mas não exatamente com os traços do DP. Em outras palavras, podemos esperar que, na ordem [DP Q], Q não concorde inteiramente com DP, já que Q, na proposta de adjunção aqui adotada, checaria seus traços de concordância com *pro* e não com DP.

Um fato interessante é que, no PB coloquial, o quantificador *todos* tem uma variante realizada sem marca visível de concordância para gênero e número (*tudo*, *tudinho*), um tipo de quantificador neutro em relação à morfologia visível de traços- ϕ , o qual é apenas permitido na ordem [DP Q]. Compare os dados em (18) e (19):⁹

- (18) PB padrão
 a. As meninas todas
 b. Todas as meninas

- (19) PB coloquial
 a. As meninas tudo/tudinho
 b. *Tudo/*tudinho as meninas

Vamos assumir que Q precisa checar seus traços- ϕ e então checa com a categoria a qual seleciona. Se Q seleciona um DP lexical, então Q concorda com este e nos casos em que Q seleciona *pro* a concordância se dá entre Q e *pro*.

⁹ Essa variante do quantificador *todos* é também observada em Scherre (1988) e Vicente (2006).

Voltando aos casos de ilhas, com o DP na sentença matriz e o quantificador dentro da ilha relacionados, concordando em traços- ϕ , havíamos sugerido que em (15), repetido aqui em (20), o quantificador está concordando com *pro* dentro da ilha e não com o DP na sentença matriz, e a correspondência entre o quantificador e o DP se deve a uma estratégia de pronome resumptivo.

- (20) a. Vou salvar os capítulos [antes que todos *pro* sejam apagados].
b. Dei chocolate para as meninas [depois que todas *pro* fizeram o dever de casa].

Suponhamos que *pro* na sentença encaixada tome como antecedente para referência o DP na sentença matriz,¹⁰ mas a relação entre *pro* e DP não precise ser completamente combinada para traços- ϕ . Nos casos em que *pro* não é completamente especificado para traços- ϕ , o quantificador assume a forma neutra quando concorda com esse *pro* deficiente. Note que a forma neutra do quantificador é possível em casos como (20), como mostra (21):

- (21) a. Vou salvar os capítulos [antes que *tudinho* seja apagado].
b. Dei chocolate para as meninas [depois que *tudinho* fizeram o dever de casa].

Rodrigues (2007) apresenta uma análise similar para a concordância entre um DP na sentença matriz e um pronome nulo (*pro*) em sentenças encaixadas, classificadas como construções de controle não-obrigatório. A autora observa que, nessas construções, em algumas línguas românicas, os traços- ϕ do controlador não combinam inteiramente com os traços- ϕ do controlado na sentença encaixada, apesar de a referência entre controlador e controlado ser a mesma. Rodrigues assume que os casos de controle não-obrigatório não são uma instância de PRO, nem produto de movimento como numa teoria de movimento para construções de controle (como a teoria desenvolvida em Hornstein (2001), por exemplo), mas casos com um *pro* gerado na sentença encaixada, o qual carrega seus próprios traços de concordância e assim não é dependente dos traços de concordância do seu antecedente.

Se a análise de Rodrigues estiver correta, então, dizer que, em (21), existe um *pro* relacionado ao DP da sentença matriz, mas que é independente dos traços- ϕ deste, parece ser a maneira mais natural de capturar a concordância entre o Q na encaixada e o DP da matriz.

Em suma, faz-se plausível assumir que a ordem [Q DP] no PB é a ordem em que o quantificador seleciona um DP e checa com esse seus traços- ϕ , o que explica por que, nessa ordem, não podemos ter um quantificador com marcas de concordância diferentes das apresentadas pelo DP que ele seleciona (ver exemplo (19)). Por sua vez, na ordem [DP Q], Q seleciona um *pro* e checa seus traços- ϕ com o pronome nulo e, portanto, a concordância visível entre Q e DP nessa ordem pode não ser completa. Essa análise parece ser mais coerente do que aquela em que o DP move-se para [Spec, DP], uma vez que em tal caso Q deveria apresentar o mesmo padrão de concordância do DP, se se assume que o quantificador checa seus traços- ϕ com o DP.

Note-se que, assumindo a existência de um *pro* da forma como está sendo sugerido aqui, nós descartamos a proposta de que na ordem [DP Q] o quantificador seleciona o DP, assim parece que a melhor forma de capturar o fato de que [DP Q] se comporta como um constituinte (ver (3)-(7)) é argumentar em favor da adjunção do quantificador ao DP.

¹⁰ Ver Rodrigues (2002, 2004) e Ferreira (2000) que convincentemente mostram que a categoria *pro* no PB somente é licenciada quando há um antecedente para referência.

Voltemos agora à questão sobre o movimento interno em QP. Análises de movimento do DP para a posição [Spec, QP], com vistas à obtenção da ordem [DP Q], seriam problemáticas para dar conta de alguns casos em construções nominais com genitivos, uma vez que esses sintagmas são gerados dentro do DP. Nesse sentido, numa construção como *os livros todos do João*, temos de garantir o movimento de parte do DP (*os livros*) para [Spec, QP], deixando a construção genitiva *in situ*, como se houvesse uma extraposição à direita do genitivo precedendo o movimento do DP.

Na análise alternativa apresentada aqui para a adjunção do quantificador na ordem [DP_Q], não precisamos incluir na gramática uma operação de extraposição à direita do genitivo, uma vez que o movimento do DP para a posição [Spec, QP] não precisa ser realizado. Contudo, precisamos estipular onde exatamente a adjunção do quantificador se dá, a fim de acomodar a ordem empiricamente observada no PB, na qual o quantificador está entre o nome e o genitivo. Para isso, vamos retomar casos de ordem de adjetivo.

Sedrins (2006) observou que existem casos, no PB, em que alguns adjetivos podem ser realizados entre o nome e seu complemento, de forma similar ao que ocorre em outras línguas românicas (cf. CINQUE, 1994; ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007), como mostram os dados em (22):

- (22) a. Dedicção *total* a você
b. O desmatamento *desenfreado* da mata atlântica

Conforme sugerido em Sedrins (2006), a ordem dos constituintes em (22) se deve ao movimento do núcleo nominal N para uma posição mais alta dentro do DP, seguindo a análise de Cinque (1994) para o movimento de N em línguas como o italiano. O adjetivo é adjungido à esquerda da projeção NP e, após o movimento de N, obtemos a ordem *N-adjetivo-complemento de N*, algo como ilustrado em (23):

- (23) $[_{DP} [_{XP} N [_{NP} AP[_{NP} [N PP]]]]]$

O movimento de N para uma posição mais alta dentro do DP é uma operação observada em diversas línguas (ver ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007, para um resumo de propostas para línguas com movimento de N). Vamos, então, assumir que, em PB, como em outras línguas românicas, tal movimento existe. Voltando para o caso do quantificador *todos*, vamos sugerir que a adjunção deste item lexical ocorre da mesma forma que a adjunção de adjetivos, logo, uma adjunção à projeção NP. Quando N se move, obtém-se a ordem N-Q-PP_{genitivo}, como ilustra (24):

- (24) $[_{DP} [_{XP} N [_{NP} QP[_{NP} [N PP]]]]]$

Finalmente, (25a) e (25b) representam, respectivamente, as ordens pré e pós-nominal do quantificador, de acordo com a análise delineada acima:

- (25) a. $[QP [_{DP} \dots [_{NP} [N PP]]]]]$
b. $[_{DP} \dots [_{NP} QP [_{NP} [N PP]]]]]$

As duas estruturas acima propostas permitem ainda capturar diferenças de interpretação referente à ordem do quantificador *todos* em PB. Apesar de, em alguns contextos, a alternância

na ordem [Q DP] e [DP Q] não apresentar uma diferença de interpretação bastante nítida, como nos exemplos em (26), em (27) temos uma diferença entre as leituras possíveis, de acordo com a ordem do quantificador:

- (26) a. A Maria odeia todos os estudantes. (A Maria odeia 100% dos estudantes)
b. A Maria odeia os estudantes todos. (A Maria odeia 100% dos estudantes)
- (27) a. Maria riscou todas as duas páginas. (leitura não exaustiva)
b. Maria riscou as duas páginas todas. (leitura exaustiva – riscou por inteiro)

Em (27), por exemplo, a leitura de exaustividade, que pode ser capturada por um adjetivo como *inteiras/completas*, só é possível quando *todos* está posposto ao DP. O contraste entre as leituras possíveis nos exemplos de (27) mostra que, quando posposto, o quantificador se comporta como um adjetivo. Esse comportamento de adjetivo para o quantificador *todos* na posição posposta ao DP foi também verificado em Galves (2001), de forma independente. A autora observou que, em contextos de singular, o comportamento de adjetivo para *todos* se mostra de forma mais evidente do que em DPs no plural, como em (27). (28) ilustra um exemplo da autora:

- (28) a. **Todo** (o) dia ela faz tudo sempre igual.
b. Eu passei o dia **todo** procurando uma solução.

(GALVES, 2001, p. 107, exs. (45) e (46))

Galves observou que, em (28a), *todos* apresenta uma leitura de quantificador universal, como em *todos os dias*, enquanto que, em (28b), *todo* está atribuindo um atributo a *dia*, da mesma forma que o adjetivo *inteiro*, como em *dia inteiro*.

Se o quantificador na posição posposta ao DP se comporta como um adjetivo, a proposta de que nesse caso ele é adjungido ao DP, da mesma forma que ocorre com a adjunção de adjetivos ao DP, torna-se mais vantajosa em relação à proposta de movimento do DP para [Spec, QP], uma vez que permite capturar os contrastes de leitura que a forma *todos* apresenta dependendo da posição em que é gerado.

Conclusão

Conforme apontamos no decorrer do texto, a proposta de que a ordem [DP Q] é resultado de movimento do DP para [Spec, QP], além de não ser viável em termos minimalistas, tendo em vista a natureza curta do movimento (movimento interno a uma mesma categoria), não se mostra satisfatória para explicar padrões específicos que cada ordem [Q DP] e [DP Q] apresenta. Um desses padrões é o de concordância neutra que o quantificador pode apresentar apenas quando posposto. Some-se ainda que nessa proposta de movimento o fato de o quantificador *todos* parecer se comportar como adjetivo na ordem [DP Q] e como quantificador na ordem [Q DP] carece de explicação. Todavia, conforme buscamos mostrar, se assumirmos que as ordens [Q DP] e [DP Q] são duas estruturas sintáticas distintas, os padrões específicos de concordância e de interpretação que cada ordem apresenta podem ser acomodados de maneira mais adequada. Na ordem [Q DP], temos a projeção de um QP, Q subcategorizando um DP e concordando com este em traços- ϕ . Daí o fato de que, nessa ordem, além de a leitura de quantificador ser estabelecida para Q, já que Q c-comanda DP, também a concordância entre Q e DP

se dá de forma direta refletindo uma concordância completa para traços- ϕ , em termos de morfologia visível. Já a ordem [DP Q] é resultado da adjunção do Q a NP, como ocorre nos casos de adjunção de adjetivo. Assim, a concordância entre Q e NP se dá de forma indireta, sendo possível, portanto, a obtenção de uma concordância parcial (neutra em termos de traços- ϕ), assim como, da mesma forma, a leitura de adjetivo se torna disponível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELS, K. *Successive cyclicity, anti-locality, and adposition stranding*. 2003. PhD Dissertation, University of Connecticut, Connecticut.
- ALEXIADOU, A. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- ALEXIADOU, A.; HAEGEMAN, L.; STAVROU, M. Noun Phrase in the generative perspective. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- AOUN, J.; BENMAMOUN, E. Minimality, reconstruction and PF movement. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass. v. 29, p. 569-597, 1998.
- BENMAMOUN, E. The syntax of quantifiers and quantifier float. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass. n. 30, p. 621-642, 1999.
- BOBALJIK, J. Floating quantifiers: handle with care. In: CHENG, L.; SYBESMA, R. (Eds.). *The second Glot international state-of-the-article book*. Berlin: Mouton, 2003. p. 107-148.
- BOŠKOVIĆ, Ž. Be careful where you float your quantifiers. *Natural language & linguistic theory*, n. 22, p. 681-742, 2004.
- CERQUEIRA, V. C. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística)-UNICAMP, Campinas.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- _____. Minimalist Inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. *Step by step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000 [1998].
- CINQUE, G. On the evidence for partial N-movement in the Romance DP. In: CINQUE, G. et al. (Eds.). *Paths towards universal grammar: studies in honor of Richard S. Kayne*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994. p. 85-110.
- FERREIRA, M. B. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística)- UNICAMP, Campinas.
- GALVES, C. Movimento de V, níveis de representação e a estrutura de IP. In: _____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 97-124.
- GROHMANN, K. *Prolific Domains*. Amsterdam/New York: John Benjamins, 2003.
- _____. *Prolific peripheries: a radical view from the left*. 2000. Ph.D Dissertation. University of Maryland, College Park.
- HORNSTEIN, N. *Move! A minimalist theory of construal*. Maiden, MA: Blackwell, 2001.

- KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. A representação da estrutura sentencial do português e a posição dos aspectuais e quantificadores. ENCONTRO DA ANPOLL, *Anais*, 1993.
- KAYNE, R. *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge, MA: MIT Press, 1975.
- RODRIGUES, C. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese. In: LIGHTFOOT, D. (Ed.). *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 160-178.
- _____. Agreement and Flotation in Control Configurations. In: DUBINSKY, S.; DAVIES, W. D. (Eds.). *New Horizons in the Grammar of Raising and Control*. Dordrecht: Springer, 2007. p. 213-229.
- _____. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. College Park, 2004. PhD Dissertation, University of Maryland, College Park.
- ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. 1967. PhD Dissertation. MIT, Cambridge, Mass.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro.
- SEDRINS, A. P. Sobre a estrutura do DP: algumas considerações acerca da posição do complemento nominal em relação ao núcleo nominal. *Leitura: Revista do programa de pós-graduação em letras e linguística da UFAL, Maceió*, n. 33, p. 17-29, 2006.
- SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of quantifier float in Hebrew. *Lingua*, n. 84, p. 159-180, 1991.
- SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass. n. 19, p. 425-449, 1988.
- VICENTE, H. da S. G. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília.